

VILÉM FLUSSER

O poeta itinerante de Heide Archanjo.

A poesia é um falar denso, e a crítica um afrouxar dessa densidade. Um poema longo, (como o é o epigrama), abre ao crítico, (isto é: ao seu consumidor ativo), três alternativas: (a) afrouxar a sua densidade e escrever um ensaio de centenas de páginas; (b) escrever superficialidades sobre a totalidade do texto; e (c) arrancar um trecho do texto e criticá-lo. Na impossibilidade da primeira alternativa, e no desprezo pela segunda, tomará este comentário a terceira.

O trecho arrancado será o título "O poeta itinerante" e os versos "E assim iam lavrando seu caminho: um pé era o passado, o outro era o futuro, o presente se fazia no ritmo dos passos." (Telúrica III, 10). A escolha do trecho não é aleatória, já que "poeta itinerante" significa "lavrador do caminho", e os versos escolhidos são pois variações sobre o tema proposto pelo título do poema.

Traduzirei o texto escolhido para o meu universo de discurso. Para tanto definirei alguns dos seus termos. "Lavarar" é fazer com que algo que deve ser seja. "Caminho" é o projeto que visa ligar premissa com meta. "Passado" é o conjunto das obras feitas. "Futuro" é o conjunto dos obstáculos que se opõem ao projeto. "Presente" é o conjunto daquilo que está comigo. "Ritmo" é estrutura. "Passos" são atos realizadores do projeto. O texto escolhido, quando traduzido para o meu universo de discurso, assume pois esta forma: "E assim iam fazendo no ser aquilo que deviam pelo seu projeto: apoiados nas obras feitas, e lançando se contra os obstáculos a serem feitos. Aquilo que estava com eles fazia se pelos seus próprios atos realizadores." Traduzido assim, o texto passa a ser uma fenomenologia da poesia.

A primeira sentença é uma tese que defende a missão do poeta. É ele um "lavrador" no sentido de "fazedor no ser" (poétés), mas um lavrador do seu caminho, no sentido de fazedor daquilo que deve ser feito. O poeta é um ente que foi lançado de uma premissa em direção de uma meta, é um ente em caminho, ("itinerante"). O seu dever está na sua premissa, e neste sentido o poeta não tem liberdade. O premissa que o lançou para é a missão que carrega. O poeta não escolhe, apenas cumpre. Mas cumpre a "sua" missão, lavra o "seu" caminho. Cumpre portanto a sua própria identidade. O dever do poeta é imposto sobre ele pela sua própria forma de ser, e o poeta é prisioneiro do seu próprio projeto. O poeta como missionário do dever ser no ser, portanto como articulador de premissa em direção da meta: O poeta, ao lavarar seu caminho, dá sentido ao seu sentido.

A segunda sentença é "apoiados nas obras feitas", (no original: "um pé era o passado"), e afirma a dependência do poeta da sua cultura. Afirma que o poeta não é autor do seu projeto, mas é sustentado e empurrado pelas obras feitas por outros. E estes outros não são precedentes que podem ou não ser seguidos. São parte integrante do próprio poeta,

VILÉM FLUSSER

são os pés sobre os quais caminha. A cultura não é pois algo que cerca e condiciona o poeta. É algo que está no núcleo da sua identidade, e portanto no núcleo da sua poesia. O poeta, para poder caminhar, cumprir sua missão e lavar seu caminho, deve assumir-se a si mesmo na sua cultura. A poesia não é um caminhar descompromissado, mas é um compromisso não apenas com o ser individual do poeta, mas também com a dimensão cultural que esse ser denota. É no sentido de compromisso consigo mesmo e com a cultura que é missão a poesia. (Nota: se esta interpretação deste verso for fiel, estamos diante de um testemunho muito raro no nosso contexto. Não é comum que um poeta atual assuma o compromisso com a tradição, e abra mão de uma fácil originalidade, que, (por mais "revolucionária que se dê) é sempre uma leviandade).

A terceira sentença é "lançando-se contra os obstáculos a serem feitos", (no original: "o outro era o futuro"). Este verso é uma teoria do conhecimento na poesia. Para o poeta o futuro é uma caminhar em direção do desconhecido, a fim de torná-lo conhecido. O próprio caminhar é o método do conhecimento. É tomando o destino como tarefa, (e não como fato), que o poeta conhece. Os obstáculos, (o "mundo objetivo"), não é real, a não ser que o poeta o adentre. O futuro, (o "mundo objetivo") não passa do outro pé do poeta. Com efeito, o mundo objetivo se realiza pela passagem do poeta por ele. Mas esta teoria do conhecimento não é idealista. O futuro não é meramente projeto da poesia. É uma virtualidade lançada contra a poesia, virtualidade essa que a poesia realiza pelo seu projeto. O destino do poeta é realizar um único caminho dentro do caos imenso dos obstáculos a serem realizados. O poeta recorta a sua fatia do imenso futuro, para torná-la o "seu" futuro. E essa fatia é aquela parte do desconhecido que ele vai tornando conhecida. O seu caminho passa pois entre as duas metades do desconhecível, (e, para ele, jamais conhecível). É por isto que o conhecimento da poesia está banhado pelo mistério daqueles obstáculos contra os quais o projeto poético não foi lançado.

A última sentença é: "Aquilo que estava com eles fazia-se pelos seus próprios atos realizadores", (no original: "O presente se fazia no ritmo dos passos"). Este verso articula uma teoria do valor da poesia. A poesia "in fieri" é "um ritmo de passos" (atos realizadores estruturados). E a estrutura dos atos é tal que transforma obstáculos em obras, isto é: faz com que os obstáculos, (o ausente), estejam comigo, se apresentem. Obra é obstáculo apresentada, obstáculo aqui comigo, e portanto obstáculo vencido. A poesia apresenta o ausente ao transformá-lo em obra, isto é: ao dar-lhe valor pela sua estrutura. A poesia valoriza estruturando, e por estruturar torna presente. O presente é o próprio ato de estruturação do ausente. Portanto o valor está apenas no presente. Uma vez realizado o ato, é a obra ultrapassada e torna-se obstáculo para os futuros itinerantes. É assim que a poesia cria cultura: dando valor ao obstáculo pela

VILÉM FLUSSER

sua estrutura, e abandonando o obstáculo estruturado, (a "obra"), afim de ser assumido por outros. O presente é pois um "sefazer" pela estrutura da poesia, um ato poético, um dar valor, um trabalho.

A fenomenologia da poesia proposta pelos versos analisados pode ser resumida da seguinte maneira: A poesia é um ato de valoração de uma virtualidade tomada como tarefa a partir de uma premissa tomada como projeto e como compromisso, e estruturado por regras. Em outras palavras: a poesia é um apresentar o futuro a partir do passado como atividade regrada. O poeta é pois um ente que parte do passado rumo ao futuro afim de transformar o futuro em passado. Mas ele é poeta porque nessa transformação cria presente. Cria ordem no caos, e realidade no virtual e ultrapassado. É por isto que o poeta é um ente itinerante.

O longo poema, de cujo contexto esta consideração arrancou os poucos versos escolhidos, para traduzilos em outro universo e para afrouxálos, deve passar pelo critério desta teoria da poesia para estabelecer se. Porque é esta a teoria que, a meu vêr, o informa concientemente ou inconcientemente.